



## OPERAÇÃO «VERGONHA»

O primeiro aviso veio em forma de motim há meses, na Penitenciária. Percebeu-se logo, apesar do general Galvão de Melo, que os «pides» inconformados agiam com apoio exterior e tiravam partido político da sua contestação (vide, entre outras coisas, o alcance que deram às reivindicações, transformando em herói com honras nacionais um agente falecido).

Falou-se nessa altura, é bom lembrar, no regime ostensivamente permissivo de que beneficiavam os detidos. Viu-se como certos elementos se recusaram a colaborar na repressão do motim (o então 2.º comandante dos Bombeiros, por exemplo). Verificou-se como o protesto popular foi criticado por alguns, sabotado por outros, etc.

Tudo sinais a reter e a proporem meditação. Mas qual quê! Depois de várias evasões dispersas, que deram a necessária continuidade à rebelião inicial, os «pides» lançaram o golpe espectacular de Alcoentre. Perfeito e oportuno. Tacticamente impecável e, afinal, facilímo, dada a irresponsabilidade dos vigilantes. Agora 70 perigosos indivíduos 70, andam por aí de novo à solta, armados e prontos a tudo: à vingança, à chantagem com os informadores, à acção contra-revolucionária. Uma vergonha.

Claro, depois de casa roubada... lá vem a 5.ª Divisão a prometer inquérito, a anunciar uma reformulação de medidas de segurança, coisa e tal e mais também. E o povo inquietta-se e os partidos protestam num alerta aos cidadãos e num apelo à vigilância.

Perante os erros e as tolerâncias inclassificáveis que libertaram os anjos rebeldes, o comandante Xavier esclarece que «uma das razões da fuga foi o estado de tensão dos detidos após catorze meses sem julgamento». E isto, por muita compreensão humana que envolva, é uma verificação nunca uma atenuante das responsabilidades. O mesmo oficial informa mais: que já havia conhecimento do propósito

# OPERAÇÃO «VERGONHA»

Continuação da pág. 11

de uma evasão por parte de alguns reclusos. É aqui, pior, o argumento agrava a culpa.

É que, acima e no princípio de tudo, o que está em causa neste vergonhoso acontecimento é a definição de perigosidade que se atribui aos agentes P.L.D.E./D.G.S. Qual a natureza (e o alcance político) dos crimes que se lhes imputam. Qual a experiência e os métodos que praticaram e podem vir a utilizar. Qual a imagem que representam na nossa Revolução.

Mas seja como for, se as cadeias não devem jamais transformar-se nos laboratórios de tortura do passado, também não podem subsistir como depósitos organizados de amenas cumplididades.

Uma operação de tamanha envergadura não envolve, evidentemente, oitenta e oito indivíduos de passado tenebroso, vai mais longe e mais fundo. Pressupõe apoios logísticos, compromissos, objectivos extra-individuais. O seu êxito constitui, pelo menos, um ponto simbólico da escalada da reacção que dele tirará efeito e incentivo. Um alarme conveniente, uma ameaça.

Quanto ao país a presença psicológica desses carrascos à solta é, por si só, um stress social, uma razão de instabilidade e de frustração num momento em que tanto precisamos de paz e de confiança para construirmos a nossa sociedade.